



Índios invisíveis, saga no Pantanal

Redescobertos por uma freira nos anos 70, os guatós inspiram documentário sobre a identidade dos povos

Fotos de divulgação/ Izan Petterle

PEDRO BUTCHER

“O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois em árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio. Apareceu uma ave na beira do rio. Apareceu a concha. E o mar estava na concha.” Esses versos fazem parte do poema *Mundo pequeno*, escrito por Manoel de Barros a partir da cosmologia dos índios guatós. Durante muito tempo, acreditou-se que os guatós tivessem desaparecido da face da Terra. Especialistas julgavam que os criadores da cultura mais antiga do Estado de Mato Grosso tinham sido extintos.

Até que, no fim da década de 70, a irmã Ada Cambaroto, missionária salesiana, reconheceu no trabalho de uma jovem o artesanato guató. Descobriu-se, então, que nem todos os índios tinham morrido. Eles estavam, isso sim, dispersos pelo Pantanal. “Os guatós continuavam bem vivos em famílias espalhadas pelo estado, preservando suas características. E tudo leva a crer que essa dispersão foi uma estratégia de sobrevivência. Hoje, são conhecidos como índios invisíveis”, explica o cineasta Joel Pizzini.

Nascido no Mato Grosso, Joel dá início no próximo domingo, em Campo Grande, às filmagens de *500 almas*, documentário em longa-metragem que vai contar a história dos guatós. “Não quero fazer, exatamente, um filme sobre os índios. Quero partir deles para discutir a presença e a ausência da memória, e a construção da identidade de um povo. Como uma cultura que era dada como

Cenas do cotidiano dos guatós começam a ser filmadas no domingo por Joel Pizzini para o longa 500 almas, que será exibido no cinema e na televisão



morta pode ressurgir?”, pergunta o cineasta, autor do curta *O enigma de um dia*, que em 97 foi escolhido para participar do Festival de Veneza.

As primeiras imagens filmadas serão do poeta Manoel de Barros, um admirador da mitologia guató que escreveu poemas inspirados nela. Ele fará uma participação especial, e em seguida a equipe parte para a região mais próxima da Ilha Insua, na fronteira de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bolívia. A ilha, que abriga pinturas rupestres e é considerada um dos mais importantes pontos arqueológicos do Brasil, deverá se tornar o *habitat* fixo dos guatós. É lá que eles pedem para que se constitua uma reserva indígena. “A ilha é uma área de segurança nacional por causa da fronteira, e o processo é meio complicado. Mas tudo indica que eles vão conseguir”, diz Joel.

O nome do documentário foi retirado dos relatos de uma espécie de censo feito por exploradores no século 16, e que chegou à conclusão de que existiam cerca de “500 almas” guatós. “Almas” era uma forma um tanto pejorativa para se referir a alguém. Hoje em dia, segundo Joel, o número ainda é este. Depois do Descobrimento, várias expedições entraram em contato com os guatós, entre elas a de Langsdorf, patrocinada pelo czar russo Alexandre I (em 1825). “Faziam parte da expedição Hercules Florence e Amadey Taunay. Hercules ficou especialmente fascinado por eles e retratou o povo em várias gravuras”, conta Joel. Mais tarde, em 1900, o antropólogo alemão Max Sch-

midt dedicou vários anos de estudo aos guatós e levou farto material para Berlim. “Nós faremos a seqüência de abertura no Museu Etnográfico de Berlim, onde tem muita coisa que não existe mais no Brasil”, revela o cineasta. A última expedição que passou por lá foi a de Frederico Rondon, em 1938, e depois só voltaram a procurá-los em 1977.

A língua guató será um elemento bastante explorado pelo documentário. Tanto que Joel contará com a presença da lingüista Adair Pelaio, autora de uma tese de doutorado que classifica a língua dos índios e chega à conclusão de que ela não se encaixa em nenhum tronco dos idiomas indígenas do território brasileiro. “É uma língua diferente, a que chamam tonal. Uma mesma palavra, se pronunciada num tom diferente, ganha novos significados”, explica Joel. A maior *especialidade* dos guatós era a água. “Eles não são índios guerreiros. São pescadores e canoieiros. Dominavam o ciclo da água da região como ninguém”, explica Joel.

O documentário *500 almas* está sendo produzido pela produtora paulista Grifa, especializada no gênero, que pretende lançá-lo nos cinemas antes de vendê-lo para a televisão. Ele será todo filmado em película super 16 milímetros, que permite um equipamento mais leve e uma câmera mais ágil. “Alguns dos lugares que vamos filmar são de acesso extremamente difícil. Precisamos atravessar rios infestados de piranhas”, conta Joel. As filmagens, por si só, já serão uma aventura.